

A expressividade do adjetivo no conto *O primeiro beijo*, de Clarice Lispector: uma proposta para um ensino produtivo de língua materna.

Mestranda Débora Bianco¹ (UERJ)
Mestrando Denis Fernandes² (UERJ)

Resumo:

O ensino de gramática que compreende a memorização gratuita de regras e nomenclaturas impossibilita a obtenção da tão pregoada proficiência na leitura e na escrita por parte do discente. Tal objetivo é logrado por meio do contato do aluno com a exposição, a análise e a produção de inúmeras situações de comunicação. Nesse sentido, inclui-se o trabalho com a gramática que está atrelada a toda articulação textual. Comumente, as aulas de língua materna ainda são aulas de gramática pela gramática e que, geralmente, deixa de lado o texto literário, desconsiderando-o como produto de maior potencial dos aspectos gramaticais de uma língua. Quando há o uso do texto (literário) em sala, na maioria das vezes, é com o objetivo único de se trabalhar os aspectos gramaticais, o famoso “texto como pretexto”. Têm-se, no entanto, orientações educacionais e teorias que advertem para o enfoque na leitura e na escrita, isso desde as séries iniciais do ensino fundamental. O presente trabalho tem por objetivo apresentar uma análise do conto *O primeiro beijo*, de Clarice Lispector, atentando para a expressividade da classe gramatical do adjetivo, percebendo a sua funcionalidade gramatical e estética dentro do texto literário. A análise torna-se relevante pois entendemos que o ensino da gramática faz-se produtivo a partir do momento em que é apresentada aos alunos a funcionalidade dos termos gramaticais e, sobretudo, a expressividade que tais termos podem possuir na língua viva. Isso é mostrar a gramática como ferramenta a serviço do falante, não como mero compêndio de nomenclaturas e regras. Ademais, coloca-se o discente em contato com o texto literário, mostrando-lhe que a língua materna pode ser muito mais interessante (e expressiva) do que exercícios de identificação e classificação.

Palavras-chave: Expressividade, gramática, ensino.

1 Introdução

O ensino de língua materna continua, atualmente, enfrentando dificuldades com relação a sua eficiência ou a sua contribuição para o desenvolvimento da competência discursiva do aluno. As aulas de Língua Portuguesa que prezam a memorização gratuita de regras e de nomes ainda fazem parte do cotidiano de muitos professores de língua materna. Atribuem-se a esse fato duas causas, pelo menos: o despreparo por parte do

¹ **Autor(res)**

Débora BIANCO, Profa. Mestranda.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
deborabianco.portugues@gmail.com

² **Denis FERNANDES, Prof. Especialista, Mestrando.**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
defeol2002@yahoo.com.br

docente e/ou a cobrança social pelo ensino estruturalista da gramática, pois acredita-se, comumente, que só o estudo da gramática (chamaríamos “estudo gramatiquero”) é capaz de proporcionar ao aluno leitura e escrita satisfatórias. Entretanto, sabe-se que o estudo da gramática por si só não capacita ninguém discursivamente.

Somado ao foco nos aspectos gramaticais nas aulas de língua, tem-se o pouco aproveitamento do texto literário em sala de aula. Quando o foco é a gramática, a leitura de qualidade fica para trás, o que compromete o ensino e, claro, o incentivo à leitura de textos de qualidade, já que em muitos casos, é somente na escola que o discente tem contato com eles.

A obtenção da capacidade de ler e de escrever, principalmente, vem do estudo do texto, atrelado a um estudo da gramática em seus aspectos funcionais. Por meio de textos, é possível fazer com que se entenda a estrutura da língua funcionando e se articulando com os mecanismos de compreensão, capazes de fazer com que indivíduos envolvidos em uma situação de comunicação sejam eficazes naquilo que desejam expressar. Este é o maior objetivo do estudo de língua materna na escola. E para que tal objetivo seja alcançado é fundamental que se tenham em mente o que é gramática, que gramática ensinar e que tipo de ensino deve ser priorizado.

2 Tipos de ensino em língua materna

A escolha por uma determinada concepção de gramática é necessária para o desenvolvimento de uma prática de ensino de língua materna. Tal prática se alçará no que Travaglia classifica como “tipos de ensino”.

Para o autor, existem três tipos: o prescritivo, o descritivo e o produtivo. O primeiro possui como objetivo levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividade linguísticas considerados inaceitáveis por outros considerados aceitáveis.

Segundo o autor, é um tipo de ensino que interfere com as habilidades linguísticas existentes. No entanto, considera que, no que tange aos objetivos de ensino de língua materna na escola, tal perspectiva não atente sua totalidade, mas uma parte deles: “levar o aluno a dominar a norma culta ou língua padrão e ensinar a variedade escrita da língua.” (TRAVAGLIA, 2009-39).

O ensino descritivo possui como foco o funcionamento da linguagem, como uma determinada língua em particular funciona. Diferentemente da visão prescritiva, não intui alterar habilidades já adquiridas, mas procura mostrar como podem ser utilizadas. Segundo o autor, esse tipo de ensino considera as variedades linguísticas, desse modo consubstancia a ideia de que o falante precisa saber tanto a instituição linguística que utiliza como outras instituições sociais.

Ressalta-se que o ensino descritivo não se atém à gramática descritiva, mas também é usado com a gramática normativa. No entanto, nesta a descrição é feita tendo em conta só a língua padrão, enquanto que na descritiva, consideram-se todas as variedades da língua.

O ensino descritivo, então, atente aos objetivos no ensino de língua materna:

a) levar ao conhecimento da instituição social que a língua representa: sua estrutura e funcionamento, sua forma e função;

b) ensinar o aluno a pensar, a racionar, a desenvolver o raciocínio científico, a capacidade de análise sistemática dos fatos e fenômenos que encontra na natureza e na sociedade. (Idem, Ibidem).

O terceiro tipo de ensino apresentado por Travaglia é o produtivo, cujo objetivo maior é ensinar “novas habilidades linguísticas”. Assim como o descritivo, não intui

alterar padrões que o aluno já adquiriu, mas ampliar os recursos que possui de forma a torná-lo conhecer de todas as possibilidades que sua língua lhe oferece.

Assim, conclui-se que o ensino produtivo é o mais adequado à realização do principal motivo de ensino de língua materna: a obtenção de competência comunicativa, visto que é capaz de abarcar o desenvolvimento da aquisição de novas habilidades de uso da língua.

Para o autor, os três tipos de ensino não são excludentes. Em qualquer prática de ensino de língua materna é possível lançar mão das três perspectivas de modo a torná-lo mais eficiente, e conseguir, assim, atingir à competência esperada para o aluno.

No ensino atual de língua materna, no entanto, vê-se uma hipervalorização do ensino prescritivo. E como já foi visto, este não atende a todos os objetivos que justificam o ensino de língua portuguesa para falantes nativos. Tem-se, então, um prejuízo na formação do discente no que se refere aos conhecimentos linguísticos que necessitará para atuar socialmente.

3 O texto literário em sala

Segundo aponta Isabel Solé em seu livro *Estratégias de leitura*, a leitura pode ter vários objetivos, dentre eles temos: ler para obter informação, ler para aprender, ler por prazer. Entendemos essa última forma de leitura como leitura por fruição. É por esse tipo de leitura que a escola vem trabalhando para que seus alunos desenvolvam essa capacidade, para que eles sejam capazes de autonomamente descobrir o mundo da leitura, como gosto e prazer.

Comumente, o trabalho de leitura distribuído entre os anos regulares do ensino de Língua Portuguesa segue uma esquematização que não favorece a aquisição da leitura por prazer, ao contrário, didatiza a leitura ao ponto de fazer com que o discente perca o interesse e encanto pelo ato de ler, tornando as aulas de leituras meros exercícios para a obtenção de notas.

No ensino fundamental, à leitura é dado o espaço no livro didático para a resolução de questionários de interpretação. O aluno lê pequenos textos, quando não o trecho de uma obra, e logo em seguida é ordenado que responda perguntas sobre o texto lido. Tal mecanização não inclui a análise dos recursos da língua, impossibilitando ao aluno o link entre o que é estudado nas aulas de gramática e o que ele vê como língua viva nos textos lidos em sala de aula.

Na segunda etapa do ensino regular, no ensino médio, o foco torna-se a literatura. Se o intuito fosse trabalhar a literatura visando uma análise que focasse os recursos linguísticos, a estética e o estilo do texto, visto que o aluno já possui maturidade para tal, a leitura por prazer poderia ser um resultado esperado. No entanto, temos aula de história da literatura com o rótulo de aula de Literatura.

Sobre o ensino do texto literário em sala de aula, os Parâmetros Curriculares Nacionais pregam:

A questão do ensino de literatura ou da leitura literária envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades composicionais que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, trata-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos de forma descontextualizada, tais procedimentos pouco ou nada

contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias. (PCN, 2001-37-38).

Assim, um ensino de leitura que não considera o próprio texto literário e suas especificidades, que o vê como instrumento para aplicação de regras e normas, torna-se um equívoco no que se refere ao esperado do ensino de leitura nas aulas de Língua Portuguesa e, pior, configura-se numa perda para o aluno, que não descobre as possibilidades de emaranhar-se no tecido de sentidos que é o texto literário.

4 A Estilística

Entendida como uma disciplina que estuda os fenômenos da linguagem no que diz respeito aos valores expressivos e evocativos, a Estilística surgiu nas primeiras décadas do século XX, graças a dois mestres que duas grandes correntes de grande importância: Charles Bally, doutrinador da estilística da língua, e o Leo Spitzer, responsável pela estilística literária.

Nosso foco aqui nesse artigo será a Estilística Literária. Inaugurada pelo Spitzer, ela parte da reflexão, de caráter psicologista, sobre os desvios da linguagem de uso comum; uma emoção, uma alteração do estado psíquico normal causa um afastamento do uso linguístico normal; um desvio de linguagem usual é, portanto, indício de um estado de espírito não habitual.

Segundo Martins, a estilística literária possui uma tarefa que é:

Examinar como é constituída a obra literária e considerar o prazer estético que ela provoca no leitor; quer dizer, o que interessa à estilística literária é a natureza poética do texto. Traços linguísticos, dados históricos, ideológicos, sociológicos, psicológicos, geográficos, folclóricos etc., a visão de mundo do autor, tudo se engloba no valor estético da obra, que está impregnado do próprio prazer do autor ao criticá-la e que vai suscitar no leitor um prazer correspondente. Cabe à estilística, “nova disciplina filológica”, procurar, aquilatar e retificar os métodos convenientes para fazer estudos rigorosos do poético (MARTINS, 2008, 27).

Não há como falar de Estilística sem mencionar um grande expoente dessa ciência no Brasil: Joaquim Mattoso Câmara Jr. Ao conceituar estilística, Mattoso começa por considerar a complexidade da linguagem e a dificuldade que as diversas áreas de estudos tiveram para entender tal fenômeno, que, segundo ele, trata-se de um mecanismo com percepções multifacetadas. A partir disso, chega-se à ideia de língua contemplada pelo teórico Ferdinand de Saussure, o qual compreendeu dois aspectos na linguagem: a língua (*langue*) e a fala (*parole*). A língua está muito mais para um sistema organizado. Ela preexiste aos indivíduos. Entretanto, a personalidade de cada um influencia diretamente nessa matéria para integrá-la em si. Desse modo, tal sistematização resulta individual. Não é por isso que teremos cópias, já que toda imitação pressupõe uma escolha, portanto, uma mudança em relação ao modelo, à forma primária.

5 O adjetivo segundo à Estilística e análise de corpus

(Corpus)

O Primeiro Beijo (Clarice Lispector)

Os dois mais murmuravam que conversavam: havia pouco iniciara-se o namoro e ambos andavam tontos, era o amor. Amor com o que vem junto: ciúme.

- Está bem, acredito que sou a sua primeira namorada, fico feliz com isso. Mas me diga a verdade, só a verdade: você nunca beijou uma mulher antes de me beijar? Ele foi simples:

- Sim, já beijei antes uma mulher.

- Quem era ela? perguntou com dor.

Ele tentou contar toscamente, não sabia como dizer.

O ônibus da excursão subia lentamente a serra. Ele, um dos garotos no meio da garotada em algazarra, deixava a brisa fresca bater-lhe no rosto e entrar-lhe pelos cabelos com dedos longos, finos e sem peso como os de uma mãe. Ficar às vezes quieto, sem quase pensar, e apenas sentir - era tão bom. A concentração no sentir era difícil no meio da balbúrdia dos companheiros.

E mesmo a sede começara: brincar com a turma, falar bem alto, mais alto que o barulho do motor, rir, gritar, pensar, sentir, puxa vida! como deixava a garganta seca.

E nem sombra de água. O jeito era juntar saliva, e foi o que fez. Depois de reunida na boca ardente engolia-a lentamente, outra vez e mais outra. Era morna, porém, a saliva, e não tirava a sede. Uma sede enorme maior do que ele próprio, que lhe tomava agora o corpo todo.

A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio dia tornara-se quente e árida e ao penetrar pelo nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.

E se fechasse as narinas e respirasse um pouco menos daquele vento de deserto? Tentou por instantes mas logo sufocava. O jeito era mesmo esperar, esperar. Talvez minutos apenas, enquanto sua sede era de anos.

Não sabia como e por que mas agora se sentia mais perto da água, pressentia-a mais próxima, e seus olhos saltavam para fora da janela procurando a estrada, penetrando entre os arbustos, espreitando, farejando.

O instinto animal dentro dele não errara: na curva inesperada da estrada, entre arbustos estava... o chafariz de onde brotava num filete a água sonhada. O ônibus parou, todos estavam com sede mas ele conseguiu ser o primeiro a chegar ao chafariz de pedra, antes de todos.

De olhos fechados entreabriu os lábios e colou-os ferozmente ao orifício de onde jorrava a água. O primeiro gole fresco desceu, escorrendo pelo peito até a barriga. Era a vida voltando, e com esta encharcou todo o seu interior arenoso até se saciar. Agora podia abrir os olhos.

Abriu-os e viu bem junto de sua cara dois olhos de estátua fitando-o e viu que era a estátua de uma mulher e que era da boca da mulher que saía a água. Lembrou-se de que realmente ao primeiro gole sentira nos lábios um contato gélido, mais frio do que a água.

E soube então que havia colado sua boca na boca da estátua da mulher de pedra. A vida havia jorrado dessa boca, de uma boca para outra.

Intuitivamente, confuso na sua inocência, sentia intrigado: mas não é de uma mulher que sai o líquido vivificador, o líquido germinador da vida... Olhou a estátua nua.

Ele a havia beijado.

Sofreu um tremor que não se via por fora e que se iniciou bem dentro dele e tomou-lhe o corpo todo estourando pelo rosto em brasa viva. Deu um passo para trás ou para frente, nem sabia mais o que fazia. Perturbado, atônito, percebeu que uma parte de seu corpo, sempre antes relaxada, estava agora com uma tensão agressiva, e isso nunca lhe tinha acontecido.

Estava de pé, docemente agressivo, sozinho no meio dos outros, de coração batendo fundo, espaçado, sentindo o mundo se transformar. A vida era inteiramente nova, era outra, descoberta com sobressalto. Perplexo, num equilíbrio frágil.

Até que, vinda da profundidade de seu ser, jorrou de uma fonte oculta nele a verdade. Que logo o encheu de susto e logo também de um orgulho antes jamais sentido: ele...

Ele se tornara homem.

(Análise)

“O bom escritor revela-se num grande número de qualidades, mas entre elas sobressai a de aplicar com precisão e pitoresco os seus adjetivos”. (LAPA, 1998, 119).

A gramática tradicional define o adjetivo como uma classe responsável pela caracterização. Geralmente, não há uma explanação semântica sobre essa palavra lexical, o estudo do sentido é restrito à noção qualificadora. Quando há um aprofundamento na abordagem, trabalha-se apenas as noções formais e a flexão, limitando a expressividade discursiva. Com o avanço das pesquisas sobre a linguagem, ficou claro que o ensino deve contemplar a construção de sentidos dos textos. Dessa forma, há a necessidade de uma reformulação no ensino da língua que ultrapasse as fronteiras da gramática. Sob essa perspectiva, os estudos estilísticos mostram-se produtivos. Segundo Lapa, “o adjetivo é, portanto, o elemento fundamental de caracterização dos seres; mas a Estilística tem uma noção muito mais larga do adjetivo do que a Gramática: para ela tudo quanto sirva para caracterizar, jeito de entonação, palavra ou frase, vale como adjetivo.” Acreditamos que o ensino da língua materna deve se apropriar da Estilística como ferramenta para a análise e reflexão linguísticas. Para isso, apresentamos uma proposta que articula análise e gramática, com base num texto literário.

O conto escolhido foi “O Primeiro beijo” de Clarice Lispector. A narrativa conta a experiência de um adolescente que, numa viagem escolar, “descobre-se homem”. No início, o leitor pensa que está diante de uma narrativa banal, um diálogo inocente entre um jovem casal e, como o próprio título sugere, o primeiro relacionamento. Entretanto, a história vai ganhando um novo matiz na medida em que se desenvolve. Logo após o breve diálogo, Clarice usa o recurso do flashback na fala do rapaz e, a partir desse momento, o tom começa a mudar. Através da seleção vocabular, o leitor acompanha cada experiência do protagonista, numa gradação que torna o texto sensitivo. A escolha dos adjetivos contribui para criar essa atmosfera envolvente e demonstra o quanto essa classe é expressiva e produtiva semanticamente. Logo no primeiro parágrafo do relato, duas construções merecem destaque: “brisa fresca” e “dedos longos, finos e sem peso, como os de uma mãe”.

No livro “A Estilística da Língua Portuguesa”, Manuel Rodrigues Lapa trata do valor intelectual e afetivo dos adjetivos. Para ele, ao designar um atributo, uma qualidade, o adjetivo tende para uma expressão intelectual, abstrata. Considerando que “fresca” é uma qualidade inerente ao substantivo brisa, o seu uso nessa construção é

puramente intelectual. Já na segunda sequência apresentada, os adjetivos “longos, finos” e a locução “sem pesos” relacionados ao substantivo “dedos” derramam sobre ele uma carga de afetividade, pois representam, dentro do contexto, uma caracterização não só do modo como a brisa entra nos cabelos da personagem, como também a própria experimentação. O frescor da brisa, aqui, passa a configurar muito mais do que um simples relato do aspecto climático, mas toda a “frescura” da juventude desse rapaz.

O texto se desenvolve e os adjetivos adentram um outro campo semântico. O que era fresco se reveste de calor. Construções do tipo, “boca ardente”, “Era morna, porém, a saliva”, “sede enorme” remetem a um aspecto de “secura”, desidratação. Todos esses sintagmas são construídos a partir da “sede” que o rapaz diz sentir. Como vimos, a depender do substantivo a que se combina, o adjetivo pode ter um valor meramente intelectual. Entretanto, quando se criam sintagmas em que essas duas classes pertencem a ideias distintas, o adjetivo passa a “derramar a sua alma” sobre o substantivo. Em “boca ardente”, o adjetivo traz um caráter superlativo e nos passa a intensidade da sede desse rapaz. O contexto, nesse caso, é fundamental para se estabelecer as relações, percebe-se que há, na progressão do texto, a intenção de graduar a aridez em estar no seu ápice no momento em que esse menino terá contato com a tão “sonhada água.” O texto segue e outros adjetivos vão dando forma à aridez que seca o menino e o próprio leitor que o acompanha.

“A brisa fina, antes tão boa, agora ao sol do meio dia tornara-se quente e árida e ao penetrar pelo nariz secava ainda mais a pouca saliva que pacientemente juntava.”

Todo o ambiente seco criado ao longo da narrativa revela a “sede” da personagem. A metáfora aqui é bastante significativa, pois ele sai do frescor de sua juventude, passa pelo desejo, que se torna uma questão quase que fisiológica e chega ao momento de saciar essa vontade, representado pelo encontro com a fonte de pedra que jorrava a “água da vida”. Agora, o menino, ao ter contato com a “boca da mulher de pedra”, percebe-se homem. Os adjetivos usados para descrever esse instante agora mudam a “temperatura” do conto: “contato gélido, mais frio do que a água.” A mulher era de pedra, fria, sem sangue, contrastando com a brasa em que seu corpo se encontrava e, a partir dessa fusão, chega-se ao ápice de toda narrativa, a verdadeira epifania: o nascimento de um verdadeiro homem.

“Intuitivamente, confuso na sua inocência, sentia intrigado: mas não é de uma mulher que sai o líquido vivificador, o líquido germinador da vida... Olhou a estátua nua”

A água, fonte da vida, passa a ser acompanhada por adjetivos que remetem ao nascimento, “líquido vivificador”, “germinador”

A reação do rapaz é descrita de forma muito expressiva, nota-se a fragilidade desse “novo homem”. Através de expressões como “docemente agressivo”, combinação aparentemente paradoxal, a autora consegue demonstrar, com sutileza, esse momento de transição.

6 Conclusão

O ensino de Língua Portuguesa pode (e deve) trazer para a sala de aula todas as possibilidades expressivas que existem na língua. Atribuir a tal disciplina somente a responsabilidade de sistematizar a gramática da língua é desconsiderar a riqueza do idioma e, sobretudo, impedir que o estudante seja capaz de pensar sua língua de modo crítico e criativo, é um trabalho que não favorece a competência discursiva dos discentes.

A Estilística como estudo que visualiza e entende os mecanismos expressivos e afetivos da língua é uma ferramenta que deve ser usada pelo professor de língua materna, de modo a mostrar ao estudante os meios e formas capazes de fazê-lo usar a língua a seu favor, sendo proficiente e criativo.

Por meio do conto *O Primeiro beijo*, de Clarice Lispector, objetivamos articular a análise estilística ao estudo da gramática, nesse caso dos adjetivos, mostrando que além de ser uma classe que caracteriza o substantivo, atribuem valores intelectivos e afetivos ao que eles determinam, fazendo com que o texto torna-se mais expressivo, envolvente, sensitivo, plástico.

Referências bibliográficas

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 4ª. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3ª ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez, 2009.

Conto: *O primeiro beijo*, de Clarice Lispector.